

LINGUASAGEM

RESENHA: COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos.** São Paulo: EdUFSCar, 2014

Cristinne Leus Tomé¹
Milton Mauad de Carvalho Camera Filho²
Aureir Alves de Brito³

Disputas ideológicas são postas em funcionamento para determinar o que são e não são ideologia, memória e identidades políticas, fazendo apagar a centralidade da luta de classes – que, historicamente, atravessa esses temas. O que se diz nem sempre é a primeira vez que se enuncia determinado dizer: o sujeito, movido pela ilusão de ser a origem dos sentidos, retorna a ditos, formações ideológicas inscritas na história, e se filia (in)conscientemente a esses dizeres. Por isso, há necessidade de retornarmos a momentos históricos em que essas disputas ideológicas também se passaram como tragédia. Apesar de as conjunturas não se repetirem da mesma forma, com os mesmos ditos, exatamente, entendemos que a obra *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* (Courtine, 2014), pode nos fornecer subsídios para pensar o funcionamento do político no contexto atual.

De família francesa, Jean-Jacques Courtine nasceu na Argélia, em 1945, mudando-se para a França, onde teve sua formação intelectual. Junto com Michel Pêcheux, foi testemunha e importante contribuinte para o desenvolvimento da Análise do Discurso (AD). Atualmente, é professor da Universidade Sorbonne Nouvelle, em Paris, ocupando a cadeira de Antropologia Cultural. A obra resenhada a seguir foi publicada originalmente em 1981, resultado de sua tese de doutoramento, defendida no ano anterior.

¹ Possui graduação em História Licenciatura (1986) e História Bacharelado (1987), mestrado em Educação (2000) e doutorado em Educação (2009) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora aposentada da Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: cristinne.tome@unemat.br.

² Graduado em Administração (2017) e mestre em Letras (2020) pela Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Sinop. É professor da Escola Técnica Estadual de Educação Profissional e Tecnológica de Sinop. E-mail: mauadprof@gmail.com.

³ Graduado em Letras (2015) e mestre em Letras (2022) pela Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Sinop. Atualmente, é professor contratado da Unemat Sinop. E-mail: aureir.brito@unemat.br.

A edição brasileira conta com apresentação de Carlos Piovezani e Vanice Sargentini, na qual os autores ressaltam a importância de seu prefácio, escrito por Michel Pêcheux. Frente a isso, preferem não prefaciá-la obra, no sentido tradicional do termo, mas desenvolver uma breve apresentação do autor, Jean-Jacques Courtine, e de sua trajetória teórica. Em sua apresentação, denominada *Políticas do sentido, práticas da expressão e história do corpo. Uma apresentação da obra de Jean-Jacques Courtine ao leitor brasileiro*, Piovezani e Sargentini⁴ descrevem o percurso que levou Courtine a enveredar na pesquisa do discurso político.

No fechamento da apresentação, Piovezani e Sargentini esboçam uma defesa dessa tradução no Brasil, realizada em 2009, quase trinta anos após a publicação original. No entendimento dos apresentadores, embora fosse uma obra amplamente conhecida e citada, a falta de uma tradução brasileira determinava que fosse pouco lida, com exceção de restritos grupos nas universidades e grupos de estudos e pesquisas dedicados à AD. Ademais, reconhecem a obra como um importante divisor de águas para os estudos do discurso, na medida em que expõe metodologicamente a heterogeneidade do funcionamento da memória no discurso político

Michel Pêcheux inicia seu consagrado prefácio, *O estranho espelho da análise do discurso*, salientando o paradoxo da AD, expresso em sua permanente crítica sobre si mesma, decorrente de duas determinações maiores: a evolução das próprias teorias linguísticas e as transformações políticas e históricas. Neste sentido, o autor aponta aquilo que chama de ‘inclinação irresistível’ da AD aos discursos políticos, especialmente os da esquerda. Deve-se atenção especial aquilo que Pêcheux, reconhece como ‘gesto de uma mudança’ na forma como eram analisados os discursos políticos, em especial os da esquerda: já não cabia identificar traços de homogeneidade nos discursos dos comunistas, como se ‘brotassem’ de uma fonte única e uniforme. Pêcheux reforça aquilo que Courtine buscou evidenciar em sua análise: a heterogeneidade que se verifica no discurso da aliança. Segundo o autor, Courtine percorreu um caminho politicamente incômodo ao pôr em xeque a pretensa homogeneidade pela qual se encarava o discurso comunista (‘para seguir seus passos ou jogar essa realidade nas lixeiras da história’). Em certo grau, o prefácio funciona como uma advertência aos analistas do discurso, que correm o risco de encontrar-se presos a um jogo de espelhos: Pêcheux aponta o ‘objeto

⁴ Preferimos nos referir aos autores sem a indicação de referências, dado que o presente trabalho não contém referências ou citações a outras obras. Salientamos, a distinção entre as menções a Piovezani e Sargentini, quando tratarmos da apresentação do livro, a Pêcheux, tratando do prefácio da obra, e a Courtine, nas menções à obra propriamente dita.

privilegiado' da AD, com 'cientistas comunistas' dedicados a analisar o discurso por meio, justamente, do discurso comunista.

Na introdução da obra, Courtine recapitula uma série de procedimentos metodológicos fundamentais à AD, remontando a Jean Dubois, em uma apresentação à Revista Langages. São eles: 1) a necessidade de se proceder o fechamento de um espaço discursivo, em síntese, a questão da constituição de um *corpus* discursivo; 2) a AD supõe a determinação linguística das relações inerentes ao texto, tendo em vista tanto sua validação na Linguística quanto o risco de reduzir o discurso à língua; 3) deve-se pressupor a relação da língua com o que lhe é externo (quem fala, qual o sujeito do discurso, etc.).

Courtine formula um quadro teórico que, transitando do materialismo histórico e dialético (proveniente do Marxismo) ao corte saussuriano (na dicotomia língua/fala), estabelece uma relação definitiva entre a AD e a Linguística. O autor reconhece a inconsistência da posição continuísta entre essas disciplinas: não se contenta com um continuum, que apagaria as fronteiras entre Linguística e AD. Seria, desta forma, uma negação tanto da autonomia relativa quanto da especificidade de seus respectivos objetos.

Em seu primeiro capítulo, *A noção de 'condição de produção do discurso'*, encontra-se um dedicado trabalho de retomada deste conceito, tão caro à AD. Reconhecendo a origem da noção de condições de produção (CP), Courtine permeia os terrenos da análise de conteúdo, da psicologia social e da sociolinguística. Para Courtine, a AD se inaugura na articulação de duas faltas: a primeira, da impossibilidade da psicologia social em sustentar uma caracterização do enunciado sob uma 'base material da língua', a segunda, de uma 'teoria do sujeito na situação', expressa na noção de CP do discurso e fartamente disponível na Psicologia e Sociologia. Propondo uma definição empírica de CP e sua operacionalização, Courtine formula e demonstra um conjunto de procedimentos requeridos para a constituição de um *corpus* discursivo. Por fim, reconhecendo certo grau de insuficiência da noção de CP disponível até então, o autor propõe sua reformulação a partir do conceito de formação discursiva (FD), precisamente o tema central do capítulo seguinte.

O conceito de formação discursiva, segundo capítulo do livro, apresenta a constituição histórica deste conceito justamente a partir da crítica marxista à concepção foucaultiana de discurso. Para tanto, Courtine estabelece três relações fundamentais: 1) a da formação ideológica (FI) com a formação discursiva (FD), investigando o efeito dos trabalhos de Louis Althusser na teoria de Pêcheux; 2) a relação entre FD e interdiscurso, considerando que as FI comportam relações de classe (possibilitando que se fale diferentemente do mesmo objeto a

partir de posições de classes distintas) e as FD dependem destas relações contraditórias, nomeia-se de interdiscurso o ‘todo complexo com dominante das FD’; e 3) a relação entre o pré-construído, a articulação de enunciados e forma-sujeito, em consequência das concepções de Pêcheux, que situam o interdiscurso como ‘lugar de formação do pré-construído’, correspondendo ao ‘sempre-já ali’, que determina a dominação da forma-sujeito.

Ainda no segundo capítulo, Courtine desenvolve brevemente algumas questões acerca da constituição de *corpora* discursivo, a partir das formulações de Pêcheux, focando-se em três aspectos fundamentais: 1) a diferença entre *corpora* de arquivo e *corpora* experimentais; 2) a noção de ‘dominância por CP estáveis e homogêneas’; e 3) os problemas relacionados à segmentação e unidade temática do *corpus*.

O autor propõe uma releitura dos conceitos de FD, enunciado e sujeito, a partir da arqueologia foucaultiana. Afirmando que a AD faz ‘pouco-caso’ das noções extraídas do trabalho desse autor, Courtine retoma a concepção foucaultiana destes conceitos e das relações que estabelecem entre si. Porém, no fechamento do segundo capítulo, o autor exemplifica uma dificuldade que se impõe nas relações do discurso com a ideologia e do discurso com a língua. Demanda-se que, ao analisar as FD, se distinga o nível do enunciado e o da formulação, além de produzir sua devida articulação.

Os capítulos terceiro e quarto, *Orientações teóricas da pesquisa* e *Constituição do corpus da pesquisa*, constituem a segunda parte do livro. Neste ponto, Courtine estrutura seu referencial teórico e expõe os procedimentos metodológicos tomados para a definição do *corpus* analisado em sua tese: um conjunto de discursos do PCF (Partido Comunista Francês), formulados entre 1936 e 1976, dirigidos aos trabalhadores cristãos. Precisamente, é neste ponto da obra que Courtine introduz a noção de memória na problemática da AD, formulando a memória discursiva como uma noção que

diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos; [...] os objetos que chamamos ‘enunciados’, na formação dos quais se constitui o saber próprio a uma FD, existem no *tempo longo de uma memória*, ao passo que as ‘formulações’ são tomadas no *tempo curto da atualidade de uma enunciação*. É então, exatamente, a relação entre interdiscurso e intradiscurso que se representa neste particular efeito discursivo, por ocasião do qual uma formulação-origem retorna na atualidade de uma ‘conjuntura discursiva’, e que designamos como efeito de memória (Courtine, 2014, p. 105-106, grifos do autor).

Em relação aos procedimentos de constituição do *corpus* da pesquisa, expressos no quarto capítulo, Courtine ensaia as hipóteses gerais a respeito ‘de uma forma de *corpus*’, propostas no curso da obra. Neste ponto, são determinadas as condições de produção e formação do discurso dos comunistas endereçados aos cristãos, formuladas hipóteses específicas em relação ao *corpus* e feita sua devida descrição e organização.

Este capítulo também traz uma breve explanação sobre o emprego das expressões ‘discurso comunista’ e ‘discurso político’, utilizadas, segundo o autor, como se fossem evidentes. Courtine expõe as condições políticas que envolviam o surgimento da AD e, especialmente, as consequências dessa conjuntura no desenvolvimento da disciplina: “Haveria assim, uma *política da Análise do discurso*, ou, pelo menos, efeitos políticos identificáveis no campo da AD” (Courtine, 2014, p. 125, grifos do autor).

Elementos para definição da noção de ‘tema de discurso’, quinto capítulo da obra, apresenta as operações que permitiram a localização e extração de uma sequência discursiva de referência, certo conjunto de formulações de referência. Para tanto, Courtine percorre os procedimentos das análises harrissiana e enunciativa, as quais ele trata por ‘figuras gêmeas’, reconhecendo que ambas operam a mesma dissociação entre forma e conteúdo do discurso.

O fechamento desse capítulo consiste em uma descrição linguística, focada nas frases marcadas pela estrutura ‘É...Que’, denominadas, ao final, ‘frases introdutórias de temas de discurso’. Fazendo uso de uma série de procedimentos parafrásticos, Courtine demonstra o funcionamento dos efeitos contrastivos, reconhecendo, nelas, “um meio privilegiado que associa focalização e identificação de um elemento do discurso” (Courtine, 2014, p. 171).

No sexto e último capítulo, *Efeitos discursivos: contradição, real e saber*, Courtine expõe alguns problemas decorrentes da descrição realizada no capítulo anterior. Desenvolve, a seguir, apontamentos sobre o porquê de determinado constituinte, e não outro, ocupar uma posição de ‘tema de discurso’ nas estruturas escolhidas para a análise, além de explicar os efeitos vinculados às estruturas de interpretação (contrastiva, constativa e dêitica).

Na conclusão, o autor retoma algumas noções que, em sua obra, sofreram certo grau de transformação. Courtine reforça a transformação em relação à abordagem da FD: antes, encarada como um bloco homogêneo, ‘repetição na categoria do mesmo’, para se colocar em destaque as diversas formas de alteridade que lhe são constitutivas. Courtine expõe brevemente acerca da ‘relação da língua com a história na ordem do discurso’, salientando a importância do estudo da relação entre memória e discurso. Afirma que esta articulação é fundamental se a AD “desejar seriamente compreender o processo de constituição de um sujeito falante em

sujeito ideológico de seu discurso” (Courtine, 2014, p. 240). Adverte que esta também é uma questão política, na medida em que despontam formas de dominação legitimadas pelo que chama de ‘política sem memória’.

Como referenciar este artigo:

TOMÉ, Cristinne Leus; CAMERA FILHO, Milton Mauad de Carvalho; BRITO, Aureir Alves. RESENHA: COURTINE, Jean-Jacques. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Paulo: EdUFSCar, 2014. **revista Linguagem**, São Carlos, v.44, n.1, p. 35-40, 2023.

Submetido em: 02/09/2022

Aprovado em: 15/09/2023